



Índice

- 01** [Índigena afogado em lagoa pode ter sido assassinado](#)
- 02** [Índio é baleado durante protesto em Mato Grosso do Sul](#)
- 03** [Jovens indígenas usam rojões e correntes para ataques e roubos](#)
- 04** [Câmara aprova regra para fechamento de escola rural](#)
- 05** [Indígenas liberam BR-262 e índio baleado passa bem](#)
- 06** [Para dar infância digna do nome a crianças africanas, ONG arrecada recurso em MS](#)
- 07** [Homem encontrado morto em lagoa bebeu antes de se afogar](#)
- 08** [Índios de Belo Monte têm audiência no Ministério da Justiça](#)
- 09** [Mãe de santo é a primeira negra empossada na Academia Baiana de Letras](#)
- 10** [MS: indígenas ocupam sede do distrito de saúde; leia carta](#)
- 11** [7ª Primavera dos Museus promove valorização e divulgação do patrimônio cultural negro brasileiro](#)
- 12** [3º Encontro de Mulheres de Terreiros do Centro-Oeste reivindica respeito aos direitos e cidadania das mulheres de axé3º Encontro de Mulheres de Terreiros do Centro-Oeste reivindica respeito aos direitos e cidadania das mulheres de axé](#)



Indígena afogado em lagoa pode ter sido assassinado
SÍTIO DOURADOS AGORA, 19.09.2013

Polícia investiga participação de rapazes no caso; testemunhas ouviram quando o homem foi atirado nas águas



A Polícia Civil investiga a morte do indígena caiuí Admilson Rossati, de 45 anos. Ele foi encontrado morto na "Lagoa do Luciano", conforme noticiou ontem o Douradosagora. As buscas começaram por volta das 11h30 e o corpo foi resgatado por volta das 12h20. O site Douradosagora acompanhou os trabalhos no local.

Segundo noticiado por este site, ontem, a polícia foi informada que uma liderança ouviu gritos quando ele foi atirado nas águas e investiga a participação de rapazes na morte de Admilson.

Ele tinha saído de casa para buscar lenha e não retornou. Segundo a polícia, durante o trabalho, ele havia consumido bebida alcoólica e teria se deitado às margens da lagoa, ao lado de um monte de madeiras que havia juntado.

O pastor Luciano Arévalos, ex-líder comunitário, que acionou os Bombeiros, reclamou da falta de segurança na região e apontou como principais problemas a venda de bebidas alcoólicas e a distribuição de drogas.

Luciano também pediu para que as autoridades olhem com mais atenção para os jovens da reserva indígena, e que promovam palestras e oriente-os sobre violência.



Índio é baleado durante protesto em Mato Grosso do Sul
SÍTIO DOURADOS AGORA, 19.09.2013

O índio terena Abrão Ferreira, 50 anos, foi baleado na manhã de hoje (19), durante protesto em defesa da saúde indígena.

Segundo a polícia, os cerca de 80 manifestantes bloquearam a rodovia BR-262, no município de Miranda (MS).

O líder indígena Paulino Terena disse à Agência Brasil que o suspeito é um fazendeiro conhecido na região.

De acordo com o terena, o produtor rural estava em uma caminhonete quando abordou os manifestantes e disparou três vezes contra Abrão.

Um dos disparos atingiu a perna do índio. "Ele chegou sem falar nada, tentou atravessar o bloqueio e disparou os tiros.

Abrão foi levado para o hospital e passa bem", explicou o terena que participa do bloqueio. O suspeito fugiu na caminhonete.

De acordo com a Polícia Rodoviária Federal, a interdição acontece nas duas faixas e provoca engarrafamento de mais de 2 quilômetros nos dois sentidos.

A polícia orienta os motoristas para que evitem o trecho da rodovia que liga Vitória (ES) a Corumbá (MS), na fronteira com a Bolívia.

Apenas ambulâncias, veículos com crianças e mulheres grávidas passam pelo bloqueio.

O protesto é em apoio à ocupação do prédio do Distrito Sanitário Especial Indígena de Mato Grosso do Sul, em Campo Grande, iniciada ontem (18), por 30 lideranças indígenas das etnias Guarani Kaiowá, Guató, Kadiwéu e Terena. Eles reivindicam a saída do coordenador, Nelson Ozalar.

Os índios divulgaram uma carta em que afirmam o caráter pacífico da ocupação e denunciam a falta de estrutura de 80 postos de saúde espalhados pelas aldeias.

"As construções estão depredadas, precárias, sem banheiros, ventilação, iluminação. Não há insumos e equipamentos básicos para as equipes de atendimento", diz o documento.

CONT.



O presidente do Conselho Distrital de Saúde Indígena de Mato Grosso do Sul, Fernando Souza, disse que os índios decidiram manter a ocupação e o bloqueio da rodovia até receber uma resposta do secretário Especial de Saúde Indígena, Antônio Alves de Sousa.

"Queremos o afastamento do coordenador para, a partir daí, poder rever a política de saúde indígena", disse.

A Agência Brasil tentou contato com a Secretaria Especial de Saúde Indígena, em Brasília, mas até o fechamento da reportagem não obteve retorno.

A secretaria é vinculada ao Ministério da Saúde e, desde 2010, cuida diretamente da atenção à saúde dos indígenas. (Agência Brasil)

Jovens indígenas usam rojões e correntes para ataques e roubos

SÍTIO DOURADOS AGORA, 19.09.2013



Os moradores da Reserva Indígena de Dourados sempre reclamaram da segurança na região. Nesta quinta-feira, Luciano Arevalo de Oliveira, um dos líderes religiosos da comunidade, denunciou que os jovens das aldeias Bororó e Jaguapiru estão se reunindo em grupos para combater rivais e também cometer crimes.

De acordo com Arevalo, as armas utilizadas por eles é que chamam atenção. "A maioria são adolescentes com idade entre 15 e 16 anos. Eles saem de noite com as mochilas recheadas de rojões. Quando encontram algum desafeto ou se metem em briga, usam os fogos de artifício para atacar.

Eles acendem e apontam em direção ao alvo. Cansamos de ver muitos deles com queimaduras graves", comentou.

Ele explica que alguns grupos, além dos rojões, também produzem armas caseiras. "Muitos utilizam correntes com coroas de bicicleta na pontas. São materiais resistentes e fáceis de serem encontrados, principalmente as coroas que possuem dentes pontiagudos e podem causar sérios ferimentos. Quando não brigam entre si, eles usam estes objetos para cometerem crimes como roubos", relatou.

O líder religioso comenta que as aldeias estão esquecidas e que a segurança do local é ineficiente. Ele explica que mais que um policiamento ostensivo, é preciso um trabalho de conscientização, principalmente com os jovens. "Todos sabem que o álcool e a droga são os grandes problemas da nossa reserva, mas ninguém faz nada. Os jovens estão se perdendo, roubam e matam para manter o vício. Na igreja eu tento mudá-los, mas sozinho é difícil, por isso peço ajuda às autoridades, para que tomem alguma providência. Está tão perigoso que durante as noites temos que ficar trancados em casa, não podemos sair".



Câmara aprova regra para fechamento de escola rural SÍTIO DOURADOS AGORA, 19.09.2013

Pelo texto, instituições de ensino no campo, indígenas e quilombolas só poderão encerrar as atividades depois de ouvida a população local.

A Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania aprovou, na quarta-feira (11), proposta que condiciona o fechamento de escolas do campo, indígenas e quilombolas à manifestação prévia do órgão colegiado do sistema de ensino local. A medida está prevista no Projeto de Lei 3534/12, do Poder Executivo.

Por tramitar de forma conclusiva e já ter sido aprovada pela Comissão de Educação, a proposta será enviada ao Senado, a menos que haja recurso para votação em Plenário.

Pelo texto, caberá ao órgão colegiado avaliar a justificativa apresentada pela Secretaria de Educação, o diagnóstico de impacto da ação e a manifestação da comunidade escolar. O projeto altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9.394/96).

O relator na CCJ, deputado Artur Bruno (PT-CE), defendeu a medida. A comissão se manifestou apenas quanto aos aspectos constitucionais, jurídicos e de técnica legislativa da proposta.

O texto foi aprovado com emenda acatada anteriormente na Comissão de Educação, que ampliou a abrangência da proposta, ao incluir escolas indígenas e quilombolas.

O objetivo do Poder Executivo, com a proposta é evitar transtornos para a população rural, que passaria a ser consultada antes do fechamento de escolas.

Na justificativa da matéria, enviada à Câmara em março de 2012, o ministro da Educação, Aloizio Mercadante, relata que, nos cinco anos anteriores, mais de 13 mil escolas do campo haviam sido fechadas.

Como consequência, ou a população local deixou de ser atendida ou passou a demandar serviços de transporte escolar para mandar os filhos à escola. (Agência Câmara Notícias)

Indígenas liberam BR-262 e índio baleado passa bem

SÍTIO CAMPO GRANDE NEWS, 19.09.2013



Os indígenas que bloqueavam a BR-262 em Miranda, na manhã desta quinta-feira (19), liberaram a rodovia por volta das 13 horas. Durante o movimento, o indígena Abrão Pereira foi baleado em um dos pés por um suposto fazendeiro da região.

Segundo informações do cacique da Aldeia Cachoeirinha, Adilson Antônio, o fazendeiro tentou furar o bloqueio em uma caminhonete, desceu do carro e atirou para baixo.

Cerca de 80 indígenas participavam do bloqueio em exigência a exoneração do coordenador da Sesai (Secretaria Especial de Saúde Indígena), Nelson Carmelo. De acordo com Paulino Terena, os índios resolveram deixar a rodovia depois da informação de que a Polícia Federal estaria indo para o local.

A PRF (Polícia Rodoviária Federal) confirmou que uma equipe da PF está em direção da BR-262 para apurar o responsável pelo tiro disparado contra Abrão. Os indígenas afirmam ainda que o estado de saúde do terena é bom e que ele deve receber alta em breve.

A reportagem do Campo Grande News tentou contato com o Hospital Regional de Miranda, mas as ligações não foram atendidas até o fechamento da matéria.

Para dar infância digna do nome a crianças africanas, ONG arrecada recurso em MS
SÍTIO CAMPO GRANDE NEWS, 19.09.2013



Depois dos 13 anos, eles deixam os estudos pela enxada. As aulas pela agricultura familiar. O futuro pelo retrocesso. A vida por uma sobrevida. Há quatro anos, a ONG de Campo Grande "Fraternidade Sem Fronteiras" abriga 273 crianças, de aldeias do distrito de Chókwè, em Moçambique. De recém-nascidos até o 13º ano, com ajuda de R\$ 50 de um padrinho, eles conseguem ter uma infância digna deste nome. Da adolescência em diante, estão sujeitos a uma jornada de trabalho puxada em troca de R\$ 3,50 ao dia.

O recurso captado pela ONG, através do projeto Criança África, dá a eles duas refeições diárias, kit escolar, aulas de musicalização, cultura, lazer e atividades que para os pequenos se tornam referência de vida. Uma forma de levar o bem e dar esperança a quem carrega tanta dor.

No entanto, as crianças que começaram no programa hoje se veem na adolescência e o projeto que até então conseguia lhes dar um presente encerra a etapa aos 13 anos. Ao invés de tirá-los, a ONG resolveu abraçar outro programa autossustentável e profissionalizante, para que elas não deixem a escola pela lavoura, tenham uma profissão e sonhos a serem realizados.

O presidente da ONG, Wagner Gomes Moura, de 39 anos, explica que o plano é fundar uma padaria, para dar emprego a quem hoje não é mais coberto pelo programa. A organização fez um estudo de mercado que constatou que tem gente na região que trabalha e pode comprar pão. Só que as aldeias não oferecem o serviço e eles acabam pagando mais caro de quem vem das cidades vizinhas para vender.

"Eles vendem por R\$ 0,30, se nós produzirmos conseguimos vender por R\$ 0,20. Vai pagar salário a eles e o lucro dessa empresa volta para o programa. A gente consegue deixar o projeto autossustentável. Ampara, cria, capacita e a renda que gerar volta para a manutenção" resume Wagner.



Homem encontrado morto em lagoa bebeu antes de se afogar

SÍTIO CAMPO GRANDE NEWS, 19.09.2013

A vítima que morreu afogada na "Lagoa do Luciano", na Aldeia Bororó, em Dourados, foi identificada como Admilson Rossat, 45 anos. O corpo foi encontrado por volta de 12h desta quarta-feira (18). O rapaz teria ingerido bebida alcoólica antes de se afogar.

Segundo o jornal Dourados News, amigos de Admilson passaram pela lagoa e o viram deitado, visivelmente embriagado. Eles avisaram as lideranças indígenas e o orientaram o rapaz a ir para casa.

Admilson teria se negado a ir embora e dito que ficaria deitado porque estava próximo da residência dele.

As suspeitas são de que a vítima tenha se desequilibrado e caído dentro da lagoa, segundo a polícia. Como o indígena não retornou à casa, as lideranças da aldeia acionaram o Corpo de Bombeiros às 9h de ontem (18).



Índios de Belo Monte têm audiência no Ministério da Justiça
SÍTIO ADITAL, 19.09.2013

Cerca de 30 índios das etnias Juruna e Parakanã, de Altamira (PA), estão em Brasília para uma reunião marcada a tarde de terça-feira (17/9), na sede do Ministério da Justiça para cobrar do governo o cumprimento das promessa que condicionaram a realização da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. Os índios foram em avião fretado pelo governo federal e foi prometido que seriam recebidos pelo ministro da Justiça, José Eduardo Cardoso, do ministro chefe da Secretaria Geral da Presidência, Gilberto Carvalho, da presidente da Funai, Maria Augusta Boulitreau Assirati e do presidente da Norte Energia, Duílio Diniz. Até o fechamento desta edição, nenhuma informação por parte do ministério ou do Instituto Socio-Ambiental, ONG que acompanha os índios, foi divulgada à imprensa.

O encontro só foi agendado depois que indígenas bloquearam a entrada do sítio Pimental, onde está sendo construída a Casa de Força Complementar da UHE de Belo Monte. Os índios chegaram na madrugada desta segunda-feira (16/9) e impediram a entrada dos trabalhadores. O acesso só foi liberado depois que a reunião foi confirmada. Os Juruna e Parakanã reivindicam o cumprimento das condicionantes que foram estabelecidas pela Funai, como pré-requisitos para a instalação da Usina de Belo Monte. Apesar de as obras da usina terem começado há mais de dois anos essas condicionantes ainda não foram atendidas pelo governo federal e pela Norte Energia, empresa responsável pela construção do empreendimento.

Demandas

No caso da etnia Parakanã, o processo de identificação e desintrusão dos ocupantes não indígenas da Terra Indígena (TI) Apyterewa teve início em 2011, e 140 ocupações não indígenas identificados como de boa-fé foram indenizado. Não obstante, o processo não foi concluído e os Parakanã denunciam a paralisação das ações de desocupação de suas terras e o agravamento do processo de invasão. Eles já estiveram em Brasília em junho para uma conversa com a presidência da Funai sobre a desintrusão da TI Apyterewa. "Eles prometeram que a desintrusão da nossa terra seria feita até o dia 10 de setembro, nós viemos cobrar", diz o líder Temekwareyma Parakanã. (Leia a declaração dos Parakanã).

Já os Juruna pedem agilidade na ampliação e demarcação física da Terra Indígena Paquigamba, e ações concretas de fiscalização e proteção de seus limites. A TI Paquigamba é uma das duas TIs mais afetadas pela construção da usina. Os Juruna, que moram a poucos quilômetros dos canteiros de obras, reclamam da pressão sobre os recursos ambientais no seu território, das frequentes invasões de pescadores, madeireiros e colonos que entram e se instalam na própria TI.

CONT.



Ações previstas

Entre as ações previstas nas condicionantes da Usina de Belo Monte encontram-se:

1. a desintrusão da TI Apyterewa do povo Parakanã,
2. a demarcação física e a redefinição de limites da Terra Indígena Paquçamba, garantindo acesso ao reservatório da usina ao povo indígena Juruna;
3. a destinação das ilhas da Volta Grande do Xingu que se encontram entre as Terras Indígenas Paquçamba e Arara da Volta Grande do Xingu como áreas de usufruto exclusivo dessas comunidades indígenas;
4. o estabelecimento de um corredor ecológico ligando as Terras Indígenas Paquçamba, Arara da Volta Grande do Xingu e Trincheira-Bacajá, incluindo nesse processo a ampliação da Terra Indígena Paquçamba e a criação de Unidades de Conservação, e
5. a fiscalização e vigilância das Terras Indígenas impactadas, incluindo termo de cooperação com o Censipam para monitoramento por satélite.



Mãe de santo é a primeira negra empossada na Academia Baiana de Letras
SÍTIO ADITAL, 19.09.2013

No dia em que completou 74 anos de iniciação no candomblé, a ialorixá Stella de Oxóssi tomou posse na Academia de Letras da Bahia. Ela, que é autora de seis livros, já tem mais saindo sobre o jogo de búzios e com 88 anos é a primeira negra e mãe de santo a se tornar imortal. Mãe Stella de Oxóssi tomou posse da Cadeira nº 33, no dia 12 de setembro passado, cujo patrono é o poeta Castro Alves (1847-1871) e teve como último ocupante o historiador Ubiratan Castro (1949- 2013), um dos poucos negros na história da casa baiana, presidente da Fundação Pedro Calmon, intelectual, e com histórico de combate ao racismo.

"Vamos esperar que outros negros ocupem esses lugares. No meu caso, sou mulher, negra e ialorixá... Parece que a humanidade está se humanizando", disse recentemente à imprensa baiana. Além da importância religiosa de Mãe Stella, sua escolha para a Academia destaca o interesse demonstrado pela literatura e a preocupação em falar sobre as tradições e principais fundamentos do candomblé. "O que não está escrito some, se perde", resume Mãe Stella, que é autora de seis livros, publicados a partir de 1988. O último, lançado ano passado, é a coletânea Opinião, que reúne textos de sua coluna no jornal A Tarde, um dos maiores de Salvador.

Filha de uma família classe média, Mãe Stella conta que sempre gostou de ler. O próximo livro de Mãe Stella, que tem dois volumes e já está pronto, é sobre o jogo de búzios. "É o oráculo essencial, a forma de nos comunicarmos com os orixás", resume, acrescentando que não quer que as coisas que aprendeu fiquem só com ela. Assim como suas outras obras, destaca, trata-se de um trabalho coletivo, parceria com vários filhos de santo, que ajudam na pesquisa e na digitação. "No computador, sou analfabeta", brinca.

No comando do Afonjá desde 1976, Mãe Stella foi responsável por iniciativas como a Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos e o Museu Ilê Ohum Lailai - Casa das Coisas Antigas, que funcionam dentro do próprio terreiro, ampliando sua atuação. O museu, criado em 1999, é o xodó da ialorixá. Ela conta que a Casa de Oxalá, a maior nas dependências do terreiro e onde acontecem vários preceitos religiosos, acumulava uma grande quantidade de coisas antigas, com muito valor simbólico.

"Tinha muita coisa boa, roupas, ferramentas e objetos de culto. Até a capa do Xangô de Mãe Aninha estava lá. Daí veio a ideia do museu", recorda. A escola, de 1978, era um desejo antigo de Mãe Aninha, que queria ajudar na alfabetização da comunidade do terreiro. "Ela costuma dizer 'eu hei de ver os meus filhos servindo a Xangô com um anel no dedo'", recorda, referindo-se ao orixá que rege o Afonjá e à democratização da educação na sua comunidade.



MS: indígenas ocupam sede do distrito de saúde; leia carta

SÍTIO CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO, 19.09.2013

Cerca de quarenta lideranças indígenas Terena, Guarani, Kaiowá, Guató e Kadiwéu ocuparam na manhã desta quarta-feira, 18, a sede do Distrito Sanitário Especial Indígena do Mato Grosso do Sul (DSEI-MS), em protesto contra a atual gestão do órgão. O movimento é pacífico e exige o afastamento do atual coordenador do órgão, Nelson Carmelo, e a indicação de um novo nome, sob orientação do movimento indígena. Em carta lançada esta tarde, as lideranças afirmaram que não deixarão o prédio até que suas demandas sejam atendidas.

Segundo os indígenas, apesar do movimento ser pacífico e não ter tido a intenção de paralisar os serviços do distrito de saúde, o coordenador do departamento exigiu que os funcionários evacuassem o prédio. Ainda, teria ameaçado de demissão servidores que não cumprissem a ordem, e afirmou que, caso os indígenas não desocupassem o local, entraria com um pedido de reintegração de posse do prédio. No site da Justiça Federal, contudo, ainda não há registro de nenhum pedido de despejo.

Indígenas Terena de diversas aldeias vieram até Campo Grande para realizar o protesto na sede do departamento, onde acontecia uma reunião da comissão de organização da Conferência Estadual de Saúde Indígena. Os participantes do encontro se somaram à manifestação, que reivindica a vinda do secretário Antônio Alves, chefe da Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), órgão ao qual o DSEI é ligado. "Ele precisa nos ouvir. Não podemos mais aceitar que forças políticas do estado utilizem a saúde indígena como moeda de troca com aqueles que os beneficiaram em campanhas eleitorais", finaliza a carta.

Leia o documento na íntegra:

Carta da ocupação indígena do Dsei-MS

Hoje, nós, indígenas Terena, Guató, Kadiwéu, Guarani e Kaiowá ocupamos pacificamente a sede do Distrito Sanitário Especial Indígena do Mato Grosso do Sul (DSEI-MS) para exigir o afastamento do atual coordenador do órgão, Nelson Carmelo. Esta demanda não é uma pauta individual de poucas aldeias ou lideranças da região: é parte de uma luta histórica dos indígenas em defesa de melhorias no atendimento à saúde.

Antes de falarmos de nossa luta, no entanto, gostaríamos de contrapor algumas informações que tem sido veiculadas pelo coordenador do DSEI a respeito da nossa manifestação:

1. Nosso movimento é pacífico. A Polícia Federal esteve presente na ocupação e pode constatar que o movimento buscava dialogar com ele de maneira democrática e pacífica, e que o coordenador, ao contrário, se posicionou de maneira autoritária e foi incapaz de dialogar conosco;

CONT.



Nossa ocupação tem como único fim a saída do atual coordenador do DSEI e a nomeação de um novo coordenador para a pasta. Esta seleção, contudo, deve ser qualitativa e ter participação intensa do movimento indígena, de modo que possa atender aos anseios dos povos do Mato Grosso do Sul;

3. No sentido de jogar os servidores do DSEI e a opinião pública contra nós, indígenas, o coordenador teria dado uma ordem aos funcionários do departamento para que o prédio fosse evacuado. Nós entendemos que o funcionamento dos serviços essenciais do DSEI é fundamental para a garantia do acesso dos indígenas à saúde, e exigimos que os serviços voltem a operar normalmente;

4. O coordenador teria ameaçado entrar com um pedido de reintegração de posse contra a ocupação. Esta é mais um atestado de que o atual coordenador é autoritário e incompetente para dialogar com os indígenas. Nós avisamos: não iremos desocupar o prédio até que nossas demandas sejam atendidas.

Como dizíamos, esta luta pela saúde indígena não começou hoje: ela já dura décadas. A criação da Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai), da qual o DSEI é parte, também é fruto de nossa luta. Ter um departamento próprio ligado ao poder executivo que tratasse com exclusividade da saúde indígena era um de nossos sonhos.

No entanto, três anos depois da criação da secretaria, nós temos visto nossos sonhos se transformarem em um pesadelo. Em termos significativos, não houve melhorias na atenção à saúde indígena.

A situação nas aldeias é bastante precária. Existem cerca de 80 postos de saúde espalhados pelas aldeias - a maioria deles sem condições mínimas de atender às populações indígenas. Estruturalmente, as construções estão depredadas, precárias, sem banheiros, ventilação, iluminação e há anos sem reformas.

Não há insumos e equipamentos básicos para as equipes de atendimento. Aparelhos de pressão, otoscópios, termômetros, equipamentos básicos de agente de saúde como balanças, bicicletas, mochilas e uniformes - materiais essenciais como estes praticamente não existem. Muitas vezes, os trabalhadores tem de emprestar entre si estes equipamentos para desempenhar suas funções.

Sofremos, também, a falta de medicação básica. Muitas vezes, os indígenas recebem receitas, e os remédios levam de 5 a 10 dias para chegar. Às vezes, nem chegam. Por conta da falta desse tratamento inicial, vemos uma gripe de transformar em pneumonia.

Todos estes problemas vem sendo exaustivamente discutidos e denunciados por todo o movimento indígena da região em cartas, documentos, protestos e ocupações. O Conselho Terena, a grande assembleia Guaraní Kaiowá Aty Guasu, a Associação Kadiwéu, os Guató, os Kinikinau, os Ofayé, todos temos participado de mobilizações em defesa da nossa saúde. E até hoje não houve uma resposta efetiva para isso tudo que relatamos.

CONT.



Boletim de Notícias - Edição nº 170 / 2013

Brasília, 19 de setembro de 2013.

As comunidades ficam muito tristes. E nós, lideranças, não temos outra saída a não ser nos mobilizar. Não restou outra alternativa para nós a não ser ocupar o prédio do DSEI. Esta não foi a primeira vez - mas esperamos que seja a última.

Parte considerável da responsabilidade destes problemas está na conta da atual gestão, coordenada por Nelson Carmelo. O secretário especial de saúde indígena da Sesai, Antônio Alves, precisa vir ao Mato Grosso do Sul. Ele precisa nos ouvir. Não podemos mais aceitar que forças políticas do estado utilizem a saúde indígena como moeda de troca com aqueles que os beneficiaram em campanhas eleitorais.

18 de setembro de 2013 - Campo Grande, Mato Grosso do Sul

Lideranças Terena, Guató, Kadiwéu, Guarani e Kaiowá



7ª Primavera dos Museus promove valorização e divulgação do patrimônio cultural negro brasileiro

SÍTIO PALMARES, 19/09/2013

Evento realizará nas cinco regiões brasileiras, exposições, seminários, oficinas, exibições de música, teatro, dança e cinema

Valorizar contribuição da população negra para memória, história, artes e culturas brasileiras é a proposta do Instituto Brasileiro de Museus – MinC (Ibram) que realiza, entre os dias 23 e 29 de setembro, a 7ª Primavera dos Museus, cujo tema é Memória e Cultura Afro-brasileira.

A iniciativa mobiliza museus de todo o país a desenvolver programações reflexivas sobre as contribuições da ancestralidade africana para a sociedade brasileira. O objetivo é disseminar os conhecimentos sobre a realidade dos afro-brasileiros, a fim de contribuir para a superação do racismo e da discriminação racial.

Estão previstas mais de 2,6 mil atividades em municípios de todos os estados do país. Cerca de 884 instituições realizarão ações educativas, oficinas, exposições e visitas guiadas.

O presidente do Ibram, Angelo Oswaldo de Araújo Santos, reconhece a atuação do Ministério da Cultura e da Fundação Cultural Palmares – MinC (FCP) em promover a cultura afro-brasileira e afirma que a consciência da importância da memória da cultura negra na formação da cidadania são perspectivas que impulsionam as atividades da 7ª Primavera de Museus. “A população negra brasileira vai se encontrar nos nossos museus, vai se conhecer mais, em contato direto com a memória e a história, a diversidade e a vitalidade da cultura”, destaca.

O Ibram disponibilizou um guia online contendo a programação para todas as regiões do Brasil. Clique aqui (<http://www.museus.gov.br/destaque/guia-de-programacao-da-primavera-dos-museus-2013-ja-pode-ser-consultado/>), confira a agenda do museu mais próximo e participe!



Boletim de Notícias - Edição nº 170 / 2013

Brasília, 19 de setembro de 2013.



3º Encontro de Mulheres de Terreiros do Centro-Oeste reivindica respeito aos direitos e cidadania das mulheres de axé

SÍTIO PALMARES, 19/09/2013

Evento discutirá políticas públicas, economia solidária, saúde e respeito à diversidade religiosa e cultural

Entre os dias 27 e 29 de setembro acontece, em Brasília, o 3º Encontro de Mulheres de Terreiros do Centro-Oeste. O evento será realizado no Centro Espírita Caboclo Boiadeiro, na cidade de Sobradinho, e conta com rodas de conversa, oficinas e conferências. Serão discutidas questões como a participação feminina no controle social de políticas públicas, direitos sexuais e reprodutivos, saúde, violência doméstica, estado laico e respeito à diversidade religiosa e cultural.

Realizado na capital federal desde 2010, o Encontro de Mulheres de Terreiros do Centro-Oeste conta com a participação de representantes das comunidades quilombolas, ciganas, indígenas, dos movimentos sociais e governo.

A diretora do evento, Patricia de Yiamonjá destaca a importância do encontro como uma oportunidade de empoderamento feminino e respeito aos direitos e cidadania das mulheres das comunidades de terreiro. "Nossa intenção é promover a consciência da importância social, cultural e econômica das religiões de matriz africana enquanto religião e política".

Em três dias de atividades, o encontro também realizará um culto à Exu e Yagbás, a eleição das representantes regionais das comunidades de terreiro, a Conferência O matriarcado nas religiões de matriz africana e direitos humanos e a Oficina A mulher de terreiro na economia solidária e sustentabilidade.

Serviço:

O que: 3º Encontro de Mulheres de Terreiros do Centro-Oeste

Quando: 27, 28 e 29 de setembro

Onde: Centro Espírita Caboclo Boiadeiro, em Sobradinho II AR 2/4, Área Especial 2 Lote 1.

Contato: (61) 95154248 / 96187309 / 34831351